

**Mariana Veras**

Universidade de Brasília

## Especulações filosóficas acerca do não-saber das imagens

A apresentação se propõe a pensar uma das teorias que, na contemporaneidade, busca por realçar a presença do observador diante da imagem artística. Propondo um enlace entre a filosofia e a história da arte, a noção de “não-saber” do filósofo Georges Didi-Huberman surge para contrapor perspectivas totalitárias acerca de outros conhecimentos que surgem como zonas de intensidade incomensurável nas imagens. A hipótese é da via de mão dupla. A reivindicação do não-saber põe em jogo, não só a historiografia da arte, mas toda a relação de prática e consideração das imagens. Considerar o não-saber traz à tona tanto um sujeito observador como também a complexidade das imagens. Retira-se a neutralidade de ambos os lados. Revela-se tanto um sujeito pensante, como uma prática filosófica sobre um objeto especulativo. Em vista dessa via de mão dupla, que podemos considerar já como um deslocamento, busca-se pela consideração de como, além de uma filosofia da imagem, o paradoxo visual e a noção de não-saber tende a tornar a história da arte uma prática reflexiva da imagem, isto é, uma filosofia que, ao versar sobre um fenômeno dialético da experiência – no sentido benjaminiano –, acaba por se tornar ela mesma uma prática; prática que não mais é um empecilho epistemológico, mas sim uma prática reflexiva em duas dimensões: tanto sobre seus próprios pressupostos como também na mais ínfima relação sujeito-imagem. Não se trata de uma nova maneira de lidar com a historicidade dos objetos artísticos tanto em sua forma como em seu conteúdo ou contexto, mas sim a consideração filosófica resultante de uma experiência dialética; experiência por certas vezes negligenciada através do estabelecimento de um conhecimento objetivo. Pois pode-se considerar que, enquanto sujeito que observa, ao mesmo tempo se pratica a especulação artística-filosófica.

---